

OURO DO CONGO

Valores Ancestrais na Cidade de São Paulo

Kelwin Marques Garcia dos Santos
 Universidade de São Paulo (USP)
kelwin.santos@usp.br
 ORCID: 0000-0002-6791-1832

Resumo: O ensaio, parte de uma pesquisa que se insere no projeto temático da FAPESP “O Musicar Local, novas trilhas para a etnomusicologia”, é um exercício de olhar para os corpos enquanto *locus* privilegiado de conhecimento e memória. A partir das imagens busca-se discutir como esses conhecimentos são articulados em trânsito, considerando os fluxos afro atlânticos da diáspora africana, bem como os fluxos culturais que ligam Recife a São Paulo, e colocam o maracatu em um lugar de patrimônio cultural também de comunidades paulistanas.

Palavras-chave: Maracatu; Corpo; Memória; Patrimônio; Diáspora.

OURO DO CONGO

Ancestral Values in the City of São Paulo

Abstract: The essay, part of a research that is inserted in the FAPESP's thematic project “O Musicar Local, novas trilhas para a etnomusicologia”, is an exercise of looking at the bodies as a privileged locus of knowledge and memory. Based on the images, it aims to discuss how this knowledge is articulated in transit, considering the Afro-Atlantic flows of the African Diaspora, as well as the cultural flows that link Recife to São Paulo, and put the Maracatu in a place of cultural patrimony also in São Paulo communities.

Keywords: Maracatu; Body; Memory; Patrimony; Diaspora.

O Maracatu Ouro do Congo é um coletivo criado em 2010 na Zona Sul de São Paulo. Reside há mais de dez anos no CITA (Cantinho de Integração de Todas as Artes) no Campo Limpo, um espaço cultural importantíssimo para a cidade de São Paulo, construído por coletivos de culturas tradicionais, de artes cênicas, permacultura etc. As fotografias que apresento são de duas grandes festas do Ouro do Congo, o Xaxará Congo em Festa, que aconteceram no CITA em 2018 e 2019.

Antes de apresentar as imagens, gostaria de ressaltar dois pontos levantados no seminário *São Paulo, Lugar de Encontros*. O primeiro é relativo ao nome da mesa em que apresentei estas imagens: Trânsitos. Pensando a partir deste termo pode ser cara a questão da origem desses maracatus que estão em São Paulo, e mais especificamente do Ouro do Congo. Dentre os muitos trânsitos que esta tradição participa destaque dois; o primeiro e incontornável deles é o fluxo afro atlântico, sobretudo com o tráfico de escravizados centro africanos, que já em diáspora na Península Ibérica e no Brasil colonial constituíram uma série de tradições de coroação de realezas africanas a partir de irmandades católicas de diferentes nações (PARÉS, 2013; REGINALDO, 2018; TINHORÃO, 2012).

Outro fluxo mais recente acontece após a década de 1980 quando a popularização do Maracatu enquanto ritmo provoca a criação de vários grupos percussivos por todo o país (LIMA, 2014; TSEZANAS, 2010). Neste movimento, alguns coletivos mais informados sobre a realidade das comunidades maracatuzeiras foram criados com o apoio das próprias nações, como no caso do Ouro do Congo. O grupo nasceu em São Paulo, mas tem relação de filiação com o Maracatu Encanto do Pina, importante nação recifense. Nesta nova relação entre Recife e São Paulo temos intensos fluxos de oficinas, visitas de mestres e partes de cortes reais, trocas de instrumentos, campanhas de arrecadação de fundos etc.

Para o segundo ponto a ser ressaltado, me valho da letra de uma loa que pode nos apontar caminhos para conhecer melhor o que é o Ouro do Congo, qual é a dita preciosidade, quais os valores compreendidos pelos detentores desse patrimônio em São Paulo. Na letra da loa de Roberta Marangoni e Tenily Guian, temos que

Nosso ouro não é só metal/
precioso da mamãe Oxum/
é força, é sabedoria/
palavra de negro que sofreu um dia.

O Ouro do Congo seria, portanto, o que de mais precioso foi carregado neste fluxo diaspórico, que é o conhecimento ancestral, a sabedoria dos ancestrais, como também aponta a letra: “Ouro do Congo é vovó”. O mais precioso é a própria ancestralidade aqui personificada na figura dos pretos e pretas velhas, e, também, na figura das rainhas e reis congos coroados em tantas confrarias negras na diáspora. E se falamos em diáspora africana, é incontornável recolocar o corpo como lugar fundamental da memória, da produção, articulação e transmissão de conhecimentos (MARTINS, 2003; TAVARES, 2013). O Ouro do Congo, o conhecimento ancestral, é também o corpo que *batuca-canta-dança* (LIGIÉRO, 2011), que reapresenta, reinstaura este núcleo primário da performance afro-brasileira. É para este corpo vigoroso, dotado de conhecimento, articulador de memórias afro atlânticas e produtor de localidades potentes que quis olhar, e que divido com vocês neste ensaio¹.

¹ Imagens em alta resolução disponíveis em: https://drive.google.com/drive/folders/1i6Pu_PMOFAuHilUsZc5lSThyaHYvR1ye. Acesso em: 03 mai. 2024.



MARACATU
OURO DO
CONGO



ANGAGO EM PA...

YAKARA





































Referências

LIGIÉRO, Zeca. Batucar-cantar-dançar: desenho das performances africanas no Brasil. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], vol. 21, n. 1, p. 133-146, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1573>. Acesso em: 03 mai. 2024.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. As nações de maracatu e os grupos percussivos: as fronteiras identitárias. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 49, p. 71-104, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912014000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2018.

MARTINS, L. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 08 jul. 2021.

PARÉS, Luis Nicolau. Entre duas costas: nações, etnias, portos e tráfico de escravos. In: PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual Jeje na Bahia*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 23-62.

REGINALDO, Lucilene. Irmandades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 268-276.

TAVARES, Julio Cesar de. *Dança de Guerra- arquivo e arma: elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos: origens*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

TSEZANAS, Julia Pittier. *O maracatu de Baque Virado: história e dinâmica cultural*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Sobre o autor

Kelwin Marques Garcia dos Santos é mestrando do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS-USP). Graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Desenvolveu, entre 2019-2021, a pesquisa de iniciação científica intitulada "A constituição do corpo e da localidade no Maracatu de Baque Virado", junto ao grupo temático da FAPESP O Musicar Local: Novas Trilhas para a Etnomusicologia. Possui interesse na área de fotografia, antropologia visual, antropologia das populações afro-brasileiras e etnomusicologia. É integrante dos grupos de pesquisa GRAVI – Grupo de Antropologia Visual e PAM – Pesquisas em Antropologia Musical, ambos no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP).